

## QUESTÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DO SER E TEMPO DE HEIDEGGER.

Gustavo Augusto da Silva Ferreira\*

Orientador: Dr. Eduardo Jorge Oliveira Triandopolis\*\*

**Resumo:** Trataremos da questão acerca do *ser* no pensamento do filósofo Martin Heidegger na sua famosa obra: *Ser e Tempo*. *Ser*, debatido e analisado por inúmeros outros pensadores, é um dos principais pilares da filosofia heideggeriana. *Ser* mostra-se na tradição como conceito complexo e ao mesmo tempo usual, comum e cotidiano. *Ser*, segundo Heidegger, deveria significar o ponto central no debate da tradição filosófica, mas sempre permaneceu como conceito obscurecido e velado. Heidegger pretende retomar e esclarecer a questão do *ser*, tendo como ponto de partida a existência humana, o ente privilegiado em seu modo de *ser* e existir.

**Palavras-chave:** *Ser*, Heidegger, Velado, Ente, Existir.

*Introductory questions about Heidegger's Being and Time.*

**Abstract:** We will address the question about being in the thought of the philosopher Martin Heidegger in his famous work: *Being and Time*. *Be* discussed and analyzed by many other thinkers, is one of the main pillars of Heidegger's philosophy. *Being* shows up in tradition as complex concept while usual, ordinary and everyday. *Being*, according to Heidegger, should mean the central point of debate in the philosophical tradition, but always remained obscured and veiled concept. Heidegger intends to return and clarify the question of being, taking as a starting point to human existence, the being privileged in their way of being and existence.

**Keywords:** *Being*, Heidegger, Veiled, Ente, Exist.

---

\* Graduando do curso de filosofia na Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista FUNCAP-IC. Pesquisador sobre "A ontologia fundamental em Heidegger". Laboratório de Estética e metafísica. Coordenação: curso de Filosofia/departamento de filosofia. Centro de Humanidades – CH.

\*\* Professor da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Centro de Humanidades – CH. Doutor em filosofia na Freie Universität Berlin (1996).

## INTRODUÇÃO

A questão da existência em Martin Heidegger na obra *Ser e Tempo*, assim como inúmeras outras temáticas aludidas pelo autor, passa necessariamente pela questão acerca do ser. *Ser e Tempo* serve-nos como material para uma análise minuciosa da questão da existência. É com base na análise da existência, da presença, do Dasein que Heidegger adentra o ponto mais profundo, o ponto culminante da questão do ser em “*Ser e Tempo*”.

Segundo Heidegger o conceito de “ser” é per si o conceito mais complexo, mais vazio e simples que se possa encontrar.<sup>1</sup> Em sua significação, desde a conceituação mais primitiva da palavra, até a designação pós-moderna, “ser” tem resistido a toda tentativa de definição. Por ser um conceito universal necessariamente furta-se a uma definição. Tal questão inquietava os filósofos da antiguidade, e levou muitos a cometerem uma série de erros metodológicos em suas análises prévias do ser. O conceito de ser está em nosso cotidiano, mesmo que de uma forma banalizada. Denominamos o que as coisas são, denominamos o que cada ente é, mas, temos dificuldade em denominar o conceito denominador, o determinante.

Para Heidegger a questão sobre o sentido de ser traz consigo uma considerável bagagem de preconceitos, que nos acompanham desde a antiguidade. Aristóteles revisou a questão que havia sido observada primeiramente por Parmênides e Platão. Podemos observar os pontos principais dos preconceitos: “O ser não delimita a região suprema do ente”. Isso acontece porque o “ente” comparado ou visto frente ao que se denomina por ser, apresenta-se como conceito genérico. A universalidade do ser transcende toda a universalidade genérica, diz Heidegger. Em seguida, fortemente influenciado pelo pensamento aristotélico acerca da questão que entendia a unidade desse universal (transcendental), frente à multiplicidade dos conceitos reais mais elevados do gênero e denominado como “unidade da analogia” por Aristóteles, foram eles, os filósofos medievais que compreenderam de certa forma, e que denominaram “ser” como “transcendes”, inaugurando assim uma ontologia (inaugurando assim o próprio termo). No entanto, mesmo com Aristóteles tendo dado uma nova compreensão à questão que

---

<sup>1</sup> Heidegger. M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p. 37

fora aludida por Platão, ainda assim os medievais não conseguiram chegar a uma clareza de princípios, pois como o problema das categorias em suas multiplicidades não foi bem resolvido. A questão acerca do ser como conceito mais universal que existe continua, ao invés de esclarecida, obscura. Então, em primeira instância, é evidente que o conceito de ser permanece indefinível e aparentemente não mostra margem alguma para definição. Pois ser não é ente. Observando sua máxima universalidade vemos que se o determinarmos ele se faria ente, ou iríamos atribuir-lhe um ente.

Observemos que tal falta de definição é o que problematiza a questão, por concluirmos que ser não é um ente e termos demasiada certeza de sua aparente indefinibilidade. Assim devemos justamente ir além na questão de seu sentido.

Heidegger alega que “ser” é um conceito que pressupõe de nós uma evidência de si mesmo: no relacionamento com todos os demais entes que nos cercam, e até mesmo com nós mesmos, em todo momento fazemos uso de “ser”. Todos compreendem, pelo menos por alto, pelo menos de forma especulativa frases como: “A grama é verde”, “A garota é bonita”, “Eu sou alegre”. Segundo Heidegger, essa tal compreensibilidade comum demonstra a incompreensão. Ou seja, as frases mostram-nos que há um ocultamento de ser na medida em que o referencial explicitado é o ente.

Heidegger diz:

“Por vivermos sempre numa compreensão de ser e o sentido de ser está, ao mesmo tempo, envolto em obscuridade, demonstra-se a necessidade de princípio de se retomar a questão sobre o sentido de ‘ser’”.<sup>2</sup>

## O HORIZONTE DA QUESTÃO

Assim se faz claro que não se pode mais tentar definir ser sem cair no absurdo de exprimi-lo e subentendê-lo. Para defini-lo precisaríamos sempre dizer “é”, e assim emprega-lo já definido para sua própria definição. Então, iniciaremos o desenvolvimento da reformulação da questão, já que ficou claro que os preconceitos não só não conseguiram decifrar a questão como também estagnaram-se em pequenos equívocos. Passemos pois, à re colocação da questão acerca do ser.

A questão do ser, como já foi demonstrado, é uma questão privilegiada: “a questão sobre o sentido de ser”. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele

---

<sup>2</sup> Heidegger, M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p. 39 a4

é e como ele é. Questionar direciona-se para além do ente, direciona-se para o ser. Logo, nos achamos diante da prévia necessidade de discutir a questão do ser no tocante aos momentos estruturais referidos. Devemos fazer uma observação prévia das estruturas do questionamento e da questão. O questionar de tal questão necessita de uma orientação prévia do que se busca, do que se visa atingir no questionamento.

De antemão só podemos admitir que não sabemos o que quer dizer ser, mas que temos uma compreensão prévia do “é”; e como diz Heidegger:

“Essa compreensão vaga e mediata é um fato.”<sup>3</sup>

Quer dizer, esforçamo-nos para aprimorar a ideia, para adentrarmos o horizonte da questão com base no que nos dá uma pequena margem de compreensão para a observação mais profunda do questionado, mas estamos sempre atendo-nos a mera propedêutica da introdução da questão. O que se busca no questionar (sobre o ser) é algo que não é totalmente desconhecido, contudo, numa primeira aproximação é algo totalmente inapreensível. Creio que para melhor explicitar nosso discurso devemos recorrer ao argumento de Heidegger, que explica-nos que primeiramente, para evitarmos maiores equívocos devemos observar a questão do ser como questão acerca do ser e não do ser do ente:

“O questionado da questão a ser elaborado é o ser. O que determina o ente como ente, o em vista de que o ente já está cem por cento compreendido, em qualquer discussão. O ser dos entes não é em si mesmo um outro ente. O primeiro passo filosófico na compreensão do problema do ser consiste em *“mithón tina diegueísthai.”*<sup>45</sup>

“Não contar Estórias” significa: não determinar a proveniência do ente como ente, reconduzindo-o a um outro ente, como se ser tivesse um caráter de um ente possível.

Logo, compreendemos que o questionar sobre o ser é necessariamente distinto de qualquer questionamento sobre o ente. O ser exige-nos um modo próprio de demonstração.

## SER E ENTE

Inevitavelmente ser remete a ser de um ente. O resultado disso é que na questão do ser interroga-se o próprio ente. Quer dizer: interroga-se o ente em seu ser.

<sup>3</sup> Heidegger. M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p. 39

<sup>4</sup> Platão. *Sofista*. “Não contar Estórias”.

<sup>5</sup> Heidegger. M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p. 41

Logo, para se apreender o ser do ente ou em primeira instância apreender o próprio ente é necessária uma porta de entrada ao ente, uma porta de entrada que remeta ao ser. Observa-se que o ente é em si mesmo acessível, mesmo assim devemos examinar qual a maneira mais adequada de acessá-lo.

Heidegger mostra-nos que primeiramente devemos diferenciar conceitualmente o ser de ente. Ente em seu sentido mais restrito são todas as coisas das quais tratamos, inclusive nós mesmos, ou seja, pode-se dizer que cachorro é um ente, toalha é um ente, deus é um ente, o homem é um ente, etc. Já sobre o ser cito o próprio Heidegger:

“Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado, no teor de recurso, no valor e validade, no existir, no dar-se”.<sup>6</sup>

Ainda assim, resta-nos uma lacuna sobre a própria introdução da questão do ser. A saber: “a questão do ente”. A partir de que ente deve-se avaliar, observar e ler o sentido de ser? Aliás, existe um tal ente que deva ser o escolhido? E se existe tal ente, o que o diferencia dos outros?

A resposta está implícita no questionar. Escolher tal ente, questionado e avaliado já é em si a atitude tomada por um ente privilegiado. Por um ente que questiona o ente enquanto ente para a apreensão do ser. Este questionar faz parte do modo de ser de um determinado ente.

A elaboração minuciosa da questão do ser de um determinado ente para a apreensão do “ser” só pode ter como ponto de partida o ente privilegiado que questiona o seu ser, quer dizer: nós mesmos.

Heidegger denomina como “Dasein (ser aí)” este ente que possui a capacidade de tornar explícita a questão sobre o sentido de ser, e por isso, merece uma avaliação prévia e demasiadamente adequada no tocante a seu ser.

## **DASEIN: CONCEITUAÇÃO PRÉVIA**

Dasein é um conceito denso, profundo e ao mesmo tempo efetivo. Com ele erradica-se qualquer possibilidade de denominar uma natureza humana, um dado meramente empírico do homem, uma avaliação que tenha como base a avaliação do ente privilegiado. O diferencial do Dasein com relação aos demais entes e demais conceitos filosóficos de homem (presença) se dá precisamente por apontar uma tal

---

<sup>6</sup> Heidegger, M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p. 42

condição existencial de possibilidade de um pensamento, de uma consciência, que não se define e nem se esgota com a problemática categorial da racionalidade em seus conceitos inerentes à linguagem.

O ser-aí é uma indicação de experiência, onde se percebe que compreender não diz agarrar a realidade com esquemas da razão, mais deixar-se compreender pelo que faz a razão compreender, uma forma de compreensão que está além da conceituação. Dasein não é um conceito. Palavras como Dasein e logos, são pensadas a partir das coisas, mas em si, não devem ser conceituadas, tais palavras estão a serviço do pensamento e enquanto tal estão postas para serem pensadas. Estas palavras são, em seu modo de ser “intraduzíveis”, pois as definições de seus possíveis conceitos ou transformá-las em meros conceitos não abarcaria a dimensão do pensamento e da ideia que elas sugerem. A conceituação não pode enquanto denominação substituir a tarefa do pensar. A sugestão tanto hermenêutica como etimológica da palavra não faz nenhuma alusão que transcenda a própria palavra, ou seja, a questão não está na palavra, mas sim no que ela leva a pensar. Palavras são fontes de sentido, e não portadoras do já sabido.

Qualquer conhecimento relacionado a Dasein se encontra no âmbito das relações dos homens com as coisas, é a partir das relações que se define os homens com as coisas, é a partir da relação que se define o homem e as coisas, e não o contrário. Isso quer dizer que as relações se determinam a partir do “homem” e das “coisas”. Isso quer dizer que o Dasein, em seu modo de ser, dá-se a conhecer como existente dá-se a conhecer como portador de um “nada aberto”. Em sua compreensão enquanto transcendente diz redundância, diz conduzir-se para além de si mesmo, ser em si outro. O movimento incessante de ser para além de si mesmo, de ser inerente ao tempo nas suas realizações finitas. Quer dizer que Dasein não corresponde a um acontecimento do tempo, mas a temporalidade no acontecer. A tentativa de explicar o Dasein se dá principalmente no que o próprio Heidegger diz sobre tradução. Segundo ele a dificuldade da tradução de pensamento nunca é meramente técnica.<sup>7</sup>

Ela diz respeito a relação da pessoa com a essência e a dignidade da linguagem e, desse modo, consigo mesmo enquanto via e finitude. Daí a amplitude de traduzirmos a essência do pensamento que nos vem a tona com o termo Dasein.<sup>7</sup> Dasein é um ser existindo e enquanto ser existindo é necessariamente um acontecendo na temporalidade,

---

<sup>7</sup>Heidegger. M. Holerlins Hymne “Der Ister”, GA 53. Frankfurt AM Main: Klostermann, 1984, p. 76

que só se dá no vir-a-ser, só se mostra no acontecer, no acontecendo, nele o próprio tempo se manifesta. O que assim se descreve não é o tempo, mas o acontecer do verbo ser sendo, o como verbal, ou seja, em sua forma ativa e o ritmo do próprio.

A questão a ser discutida exige de nós a mais complexa compreensão do Dasein, e como já foi dito se problematiza mais ainda na questão da compreensão de um termo que em seu falar tem muito a dizer. Já fizemos alusão que este tipo de palavra concentra-se no âmbito do pensar e não o do traduzir. Pois se considerarmos traduzir como a definição da palavra feita em uma linguagem que a defina rapidamente chegaremos a conclusão que falar e dizer já são em si traduzir. Traduzir não se define de modo algum pelo fato da palavra a ser traduzida e da tradução pertencerem a línguas diferentes. Saber alemão facilitaria, mas não garante a compreensão da palavra (indicativa) Dasein. E pode até mesmo obstruir o caminho da compreensão: nestes casos a fonte que nos leva a etimologia pode até mesmo nos limitar no pensar e na transcendência da compreensão do termo, que nos aparece como interpretação prévia do termo em sua língua, e não necessariamente o que o pensador sugere com o termo. Assim podemos facilmente nos abarrotar de preconceitos. Márcia Sá Schuback, no seu texto introdutório a Ser e Tempo, a saber, “*A complexidade da presença*”, diz que:

“a dificuldade não está em traduzir a palavra Dasein, e sim em traduzir a estranheza de seu sentido verbal”.<sup>8</sup>

Segundo ela, Dasein é um substantivo bastante comum e simples, até mesmo cotidiano.

Heidegger afirma que o termo *dasein* é a tradução alemã apropriada para a palavra *existentia* e que o uso que ele próprio faz desse termo não deve ser confundido com “estar-aí” com “présence”, da língua francesa no original.<sup>9</sup> Uma das problemáticas fundamentais em Ser e Tempo, que o uso terminológico Dasein busca solucionar, é diferenciara vida fática do homem de um sentido de ser como ser simplesmente dado (ou como um ente não privilegiado), isto é, como estrutura substantiva de subjetividade. Essa é uma questão muito importante a ser observada. O problema decisivo aqui é compreender ser como ser simplesmente dado, como substância (*Vorhandenheit*). Dasein deve ser traduzido e compreendido sempre como oposição *Vorhandenheit*, ser simplesmente dado. Para Heidegger, este ser simplesmente dado é um presente sem presença alguma. Ele é apenas atual e atualizado, no sentido de extrair e abstrair o real

<sup>8</sup>Schuback. M. de S. A perplexidade da presença. Prefácio à quinta edição de Ser e Tempo. p. 23

<sup>9</sup>Heidegger usa, também, antes de Ser e Tempo outra expressão para dizer *dasein*: a expressão *Faktisches Leben* (vida fática).

de sua concreção, de sua realização concreta e concrecente para fixar-se numa representação descompreendida com interesse da vida, numa representação impessoal e despersonalizada, assim Dasein não pode ser simplesmente dado.

Como o ponto de partida da análise minuciosa da questão de “ser” é o Dasein, a presença, a existência humana, o ser-aí no mundo, deve haver uma observação fenomenológica profunda do Dasein.

Mas com isso, segundo a filósofa heideggeriana Márcia de Sá Schuback, fenomenólogos contemporâneos de Heidegger, como seu grande amigo Edmund Husserl (1859 – 1938), Edith Stein (1891 – 1942), Max Scheler (1874 – 1928), Hedwig Conrad-Martius (1888 – 1966) viram Ser e Tempo tão somente como uma ‘Antropologia Filosófica’.<sup>10</sup>

Porém, para Heidegger, Dasein não diz ser dentro do mundo, e isso na experiência de sendo em ser, de existir na dimensão infinitiva de ser, ou seja, de existir na abertura de a-ser. Isto significa que ser não constitui, de forma alguma, uma posição, mesmo que amigável, à temporalidade de Dasein. Ser-no-mundo é o sentido concreto do que Heidegger chama de temporalidade por oposição ao conceito vulgar de tempo.

Assim, ressalta Heidegger:

“... a questão que surge necessariamente de quem ou o que e como é o homem, é tratada em Ser e Tempo, exclusiva e constantemente, a partir a questão do sentido de ser. Com isso já está decidido que a questão do homem em Ser e Tempo não é colocada como uma antropologia que pergunta: o que é o homem propriamente? A questão do homem em Ser e Tempo leva à analítica do Dasein.”<sup>11</sup>

O Dasein não pressupõe um conceito de homem. Aliás, ele não pressupõe nem mesmo uma espacialidade no qual se encontra o homem. O *Da* de Dasein, em Ser e Tempo é tematizado com um sentido temporal, que define a transcendência da existência, a conjugação de si mesmo como vida da alteridade. Ele é o ser homem sendo em seu modo de ser.

Heidegger insiste em dizer que espaço mostra-se como modo ou aspecto verbal, Heidegger insiste que *Da* não é um lugar aqui... “Da” é a proximidade do distante e distancia da proximidade, a espacialidade própria do acontecer-a-si-mesmo já sendo. Logo tal espacialidade, longe de efetivar-se em nossa exposição, está inserida na temporalidade. Como já afirmamos, Dasein é intensamente conjugado por Heidegger (principalmente na segunda parte de Ser e Tempo), Não com o sentido de uma única

<sup>10</sup>Schuback. M. de S. A perplexidade da presença. Prefácio à quinta edição de Ser e Tempo. p. 27

<sup>11</sup>Ibidem, p. 145 a 147/ entrevista de Heidegger concedida ao *Der Spiegel*.



palavra ou um único termo técnico, mas a complexa conjugação da presença humana em seus vários níveis de realização finita.<sup>12</sup>

Márcia de Sá Cavalcante diz sobre Dasein:

“Até mesmo na palavra mostra-se o que para Heidegger é tão decisivo, a saber, que metafísica não é escolha intelectual ou cultural que poderia ser superada ou assumida por decreto. Metafísica é o modo mesmo de ser do Dasein, de presença enquanto ser para além de si mesmo numa antecipação, transcendência, tra-dução, em suma, o que não possui a si mesmo perdendo a si mesmo. O modo de ser de Dasein é o modo de ser de um paradoxo radical, ser em si mesmo um outro, ser em-si mesmo não é ser um si mesmo. Essa inscrição metafísica mostra não apenas que toda forma de apreender Dasein em sua radical verbalidade só é possível mediante uma insistente dessubstantivação e que, portanto, substantivar Dasein é uma necessidade inevitável, mas igualmente que toda tentativa de agarrar o sentido da existência num sentido substancial não é capaz de desvencilhar-se da verbalidade temporalizante da vida da *ek-sistencia*. Heidegger não escolhe o tempo Dasein para indicar formalmente o não ser simplesmente dado da vida fática do homem por ser um termo que tenha superado a metafísica, e sim por ser o termo que se mantém na tensão metafísica de só ser si mesmo perdendo-se de toda a ideia de um em si.”<sup>13</sup>

Márcia de Sá Schuback deixa claro que para Heidegger a metafísica é parte integrante do homem e que Dasein, como já foi discutido, torna-se intraduzível justamente por não existir tradução perfeita. Até porque nem mesmo o termo original é perfeito, ou seja, pronto e acabado. Se fosse assim, se já soubéssemos exatamente o que é “Dasein”, não haveria sentido algum em estudar a filosofia heideggeriana. Nesta perspectiva, traduzir não é necessariamente preciso: preciso é pensar. O homem só existe fazendo-se (sendo, existindo). Com o mistério do Dasein surge o campo do vazio, esse em que o mundo pode fazer-se mundo enquanto Dasein faz-se como existente.

A análise do Dasein não remete a uma decomposição ou redução, mas a um retroceder, a um reconduzir, um articular a unidade de uma estrutura, sem contar que os elementos que a compõe não são princípios ou forças, mas modos de ser do Dasein.

## O DESENVOLVER DA QUESTÃO SENDO QUESTIONADA

Segundo Heidegger o ente pode vir a ser determinado em seu Ser sem que para isso seja necessário dispor de um conceito explícito sobre o sentido de ser. Logo, como já dissemos, o ente dotado do caráter do ser-aí traz em si mesmo uma remissão talvez até privilegiada à questão do ser. Acerca de tal questão pode-se perguntar: para que pode servir tal questão? Será que ela simplesmente existe, assim como inúmeras outras questões filosóficas, sendo apenas o ofício de pensadores? Será que ela existe como

<sup>12</sup>Heidegger. M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p.189

<sup>13</sup>Schuback. M. de S. A perplexidade da presença. Prefácio à quinta edição de *Ser e Tempo*. p. 30

mera especulação solta no ar sobre as universalidades mais universais? Ou será realmente esta, a questão mais importante, principal e concreta dentre todas as outras?

Para Heidegger ser é sempre ser de um ente. Nisso os entes desenvolvem-se em inúmeros âmbitos de atuação. O questionar mais ingênuo sobre os entes, o questionar a grosso modo, vem da ciência. A pesquisa científica realiza um primeiro levantamento e uma primeira fixação (uma atitude quase estatística) dos âmbitos de objetos. Nisso ela delimita a própria região dos objetos.

Ela dá de maneira a priori “conceitos fundamentais”, tais conceitos, assim produzidos, dão início, ao fio condutor da primeira abertura concreta do âmbito.

“O movimento próprio das ciências se desenrola através da revisão mais ou menos radical e, para elas próprias não transparentes dos conceitos fundamentais”. Com essa afirmação torna-se explícito algo que se mostra, porém, não é tão bem percebido quanto deveria. Atualmente surgem tendências em todas as ciências no sentido de colocar as pesquisas em novos fundamentos. Isso ocorre devido as crises internas, imanentes no interior e cada ciência. Heidegger exemplifica isso citando a Matemática. Ela é aparentemente a ciência mais rigorosa, e até mesmo ela encontra-se numa crise de seus fundamentos. “A disputa entre formalismo e intucionismo desenvolve-se visando a conquistar e assegurar um modo de acesso mais originário ao que deve constituir o objeto dessa ciência. Segundo Heidegger esta crise se dá tanto nas ciências exatas como nas ciências do espírito. Escreve Heidegger em *Ser e Tempo*:

“A teoria da relatividade na física nasceu da tendência de apresentar o nexos próprio da natureza tal como ela se constitui ‘em si’ mesma. Como teoria das condições de acesso a própria natureza, a teoria da relatividade procura preservar a imutabilidade das leis do movimento através de uma determinação de toda a relatividade, colocando-se com isso diante da questão da estrutura da região de objetos por ela pressuposta, isto é, do problema da matéria. Na biologia surge a tendência de questionar o organismo e a vida independentemente das determinações do mecanismo e vitalismo para, assim, definir, de maneira nova, o modo de ser vivo como tal. Nas ciências históricas do espírito, acentuou-se o empenho pela própria realidade histórica através da tradição e de sua transmissão: desse modo, a história da literatura torna-se história dos problemas. A teologia procura uma interpretação mais originária do ser do homem para Deus, prelineada e restrita pelo sentido da própria fé. Pouco a pouco, a teologia começa a entender de novo a visão de Lutero, para quem a sistematização dogmática repousa sobre um “fundamento” que em sua origem, não advém de um questionamento da fé e cuja conceituação, mais do que insuficiente para a problemática teológica, a encobre e até mesmo deturpa.”<sup>14</sup>

Enfim. Todas estas ciências que nos dão conceitos fundamentais baseando-se em análises prévias e fincando-se nos objetos eles mesmos, denominam-se “ciências positivas”, ou seja, querem obter seus recursos e resultados apenas da experiência. A

<sup>14</sup> Heidegger. M. *Ser e Tempo* p. 45 e 46. Ed. Vozes, Petrópolis.

pesquisa sobre a questão acerca do ser, segundo Heidegger, deve anteceder tais ciências positivas. Para ele a filosofia pode perfeitamente fazer isto.<sup>15</sup>

Heidegger acredita que o trabalho de Platão e Aristóteles prova isto: trata-se aqui, de uma “fundamentação das ciências que se distingue de uma *lógica* claudicante, que analisa o estado momentâneo de uma ciência em seu método”. Isto quer dizer que as demais pesquisas estão no nível “ôntico”, ou seja, estão no ente, com o ente e para o ente. Já a pesquisa acerca do ser se dá em um nível “ontológico”. Sem sombra de dúvidas, o questionar ontológico é bem mais originário do que as pesquisas ônticas das ciências positivas.

A ciência define-se como um aglomerado totalizante de um conjunto de proposições verdadeiras. Claro que esta definição não é completa e nem se quer alcança o real sentido de ciência. Como atitude do homem as ciências possuem um modo próprio de Sr deste ente homem. Isso leva-nos ao que o filósofo Edmund Husserl falou: “Ciências de fatos geram homens de fatos”. Tal afirmação dá-nos maior compreensão da dimensão da crise interna que as ciências positivas passam e para onde o homem se conduz enquanto criador de tais ciências que ao mesmo tempo é tangido por elas. A questão do ser é bem mais primária que isso. Ela pode ser inclusive, observada como fundamento ainda não observado de toda a decorrência científica, ou seja, das ciências dos entes que insistem em se delimitar somente como pesquisas ônticas.

Diz Heidegger:

---

“A questão do ser visa, portanto as condições a priori de possibilidade, não apenas das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa possibilidade não apenas das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa compreensão de ser. A questão do ser visa as condições de possibilidade das próprias ontologias que antecedem e fundam as ciências ônticas.”<sup>16</sup>

---

Assim, uma crise permanece nas ciências quando não encontramos nas categorias de seu sistema o real sentido de ser, as ciências continuam cegas por não ter compreendido esse esclarecimento como sua principal tarefa.

---

<sup>15</sup>Isto fica claro na página 46 de quinta edição de *Ser e Tempo*.

<sup>16</sup>Heidegger, M. *Ser e Tempo*. Ed. Vozes, p. 42 a e b 7

## CONCLUSÃO

Agora deparamo-nos com a gigantesca incógnita da questão do ser frente à questão da existência. O próprio Heidegger deixou sua mais ilustre obra (Ser e Tempo) inacabada devido à complexibilidade do assunto.

Temos como forma de compreensão de sua filosofia suas obras e as gravações de suas aulas e entrevistas, contudo, mesmo com tal material, vasto e inacabado, permanece para nós a obscuridade da questão levantada pelo filósofo.

Cabe a nós agora dedicamo-nos a tal questão, levando em conta que ele mesmo já deixou claro a sua importância perante a existência, as filosofias e a crise das ciências modernas. Isto quer dizer que, neste artigo, estamos concluindo sem acabar. Assim, como o próprio Heidegger resalta que não é mais a existência humana a porta de entrada para o ser, mas é este mesmo que torna possível a abertura para a compreensão da existência humana. Não sendo ente algum, nem princípio dos entes, o ser, de certa forma, identifica-se com o nada, mas, apesar disso ele é! O ser é um mistério que até agora não pode ser compreendido por nenhum ente. O pensar essencial seria o pensar que joga com o ser e se reflete nele, fazendo-o, ao mesmo tempo surgir. Tal pensar é próprio da existência autêntica, é próprio do Dasein.<sup>17</sup>

---

---

<sup>17</sup>O presente trabalho é apenas um pedaço introdutório a uma grande, árdua e incompleta questão filosófica que perpassou toda a tradição do pensamento humano e que engloba inúmeras áreas do saber. Esperamos concluir nosso trabalho sem terminá-lo enquanto introdução às questões introdutórias de Ser e Tempo.

**REFERÊNCIAS**

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, Petrópolis. Editora Vozes. 5ª edição. 2011.

\_\_\_\_\_. Entrevista de Heidegger concedida ao *Del Spiegel*

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Editora Nova Cultural Ltda., 2005.

SCHUBACK, Márcia de Sá. A perplexidade da presença. Prefácio à quinta edição de *Ser e Tempo*. 2011.

SALANSKIS, Jean-Michel. *Heidegger*. Editora Estação Liberdade. 2012.